6.2.4. Herpetofauna – Anfíbios

Os anfíbios existem há mais de 350 milhões de anos e foram os primeiros animais a apresentar musculatura para se sustentar fora da água. (KWET; DI-BERNARDO, 1999). Assim como os répteis, os anfíbios são animais pecilotérmicos, cuja temperatura corporal varia de acordo com a temperatura ambiente. A classe Amphibia é representada pela ordem Anura (rãs, pererecas e sapos), a ordem Caudata (salamandras e tritões) e a ordem Gymnophiona, representada por cecílias (HADDAD, 2008; ACHAVAL; OLMOS, 2003; KWET; DI-BERNARDO, 1999).

Atualmente são descritos 6.771 espécies de anfíbios no mundo, dessas 48% ocorrem na América Tropical (FROST, 2011). Segundo a Lista atualizada da Sociedade Brasileira de Herpetologia de (SBH, 2010), para o Brasil são descritas 875 espécies, das quais 847 (96,8%) são Anuros, 01 (0,12%) Caudata e 27 (3,08%) Gymnophiona. Para o estado do Paraná descreve-se cerca de 120 espécies.

Grande parte destas espécies ocorrem na Mata Atlântica, que é considerada um dos hotspots mundiais em termos de biodiversidade de espécies, tanto da fauna com da flora. Sendo assim, considera-se como sendo a principal ameaça à conservação dos anfíbios no Brasil, a destruição de seus habitats, em função principalmente do avanço no desmatamento, do avanço da fronteira agrícola, da mineração, das queimadas e da urbanização (SILVANO; SEGALLA, 2005).

No Brasil, todos os biomas estão sendo de uma maneira ou outra, severamente afetados, especialmente a Mata Atlântica, que apresenta remanescentes florestais bastante fragmentados, e que representam menos de 8% da cobertura original do Bioma (SILVANO; SEGALLA, 2005).

No Estado do Paraná existem poucos trabalhos relacionados com anfíbios. Estes trabalhos e/ou estudos são fundamentais para a compreensão da biodiversidade brasileira e da biogeografia do grupo e, consequentemente, para o delineamento de estratégias adequadas para a sua conservação (HADDAD; POMBAL Jr., 1998). Nesse contexto assumem especial importância os levantamentos de dados sobre a fauna de anfíbios existente nos remanescentes de Mata Atlântica. A Tabela 6.31 lista algumas das espécies de anfíbios que são descritas para o Estado do Paraná.

Tabela 6.31. Anfíbios descritos no Estado do Paraná.

Ordem	Família	Nome Científico	Nome Comum
ANURA			
	Bufonidae		
		Bufo paracnemis	Sapo-cururu
		Bufo abei	
		Bufo crucifer	Sapo-comum
		Bufo ictericus	Sapo-comum
		Bufo schneideri	Sapo-cururu-grande

Ordem	Família	Nome Científico	Nome Comum
		Dendrophryniscus berthalutzae	Sapinho
		Dendrophryniscus leucomystax	Sapinho-arborícola
		Rhinella abei	Sapo
		Rhinella hoogmoedi	Sapo
		Rhinella ictericus	Sapo Cururu de amarelo
	Brachycephalidae		
		Brachycephalus pernix	Sapinho-dourado
		Ischnocnema guentheri	Rã-do-folhiço
	Centrolenidae		
		Hyalinobatrachium uranoscopum	Perereca-de-vidro
	Hylidae		
		Aplastodiscus perviridis	Perereca-verde
		Aplastodiscus albosignatus	Perereca-flautinha
		Aplastodiscus ehrhardti	Perereca
		Bokermannohyla circumdata	Perereca-com-anéis-nas-coxas
		Bokermannohyla hylax	Perereca
		Dendropsophus nanus	Perereca
		Dendropsophus nahdereri	Perereca
		Dendropsophus minutus	Perereca
		Dendropsophus microps	Perereca
		Dendropsophus sanborni	Perereca
		Dendropsophus seniculus	Perereca
		Osteocephalus langsdorffii	Perereca-liquene
		Dendropsophus elegans	Perereca
		Dendropsophus werneri	Perereca
		Hypsiboas raniceps	Perereca de bananeira
		Hypsiboas leptolineatus	Perereca-depijama
		Hypsiboas caingua	Perereca
		Hypsiboas albomarginatus	Perereca-araponga
		Hyla albopunctata	Perereca
		Hyla aniceps	Perereca-pequena
		Hyla bischoffi	Perereca
		Hyla albofrenata	Perereca-verde
		Hyla circumdata	Perereca
		Hyla faber	Perereca-ferreira
		Hylasemiguttata	Perereca-de-riacho
		Hyla gr.albosignata	Perereca-verde
		Hyla leucopygia	Perereca-verde
		Hyla prasina	Perereca-verde
		Hyla uruguaya	Perereca-tic-tac
		Phasmahyla sp.	Perereca-verde
		Phrynohyas imitatrix	Perereca-resinosa
		Phrynohyas venulosa	Perereca
		Phyllomedusa distincta	Rã-das-folhas

Ordem	Família	Nome Científico	Nome Comum
		Scinax eringiophila	Perereca-marmorada
		Phyllomedusa tetraploidea	Perereca-verde
		Scinax berthae	Perereca
		Scinax fuscovarius	Perereca-de-banheiro
		Scinax gr. catharinae	Perereca-espinhuda
		Scinax perereca	Perereca-de-banheiro
		Scinax rizibilis	Perereca-risonha
		Scinax littoralis	Perereca-do-litoral
		Scinax argyreornatus	Perereca
		Scinax squalirostris	Perereca-bicuda
		Sphaenorhynchus surdus	Perereca-verde-bicuda
		Trachycephalus vimitatrix	Perereca-leiteira
		Trachycephalus mesophaeus	Perereca - Leiteira
		Trachycephalus venulosus	Perereca
	Leptodactylidae		
		Adenomera marmorata	Rãzinha
		Chiasmocleis leucosticta	Sapo-guarda
		Crossodactylus sp.	Rã-de-riacho-em-mata
		Cycloramphus bolitoglossus	Rãzinha
		Elachistocleis bicolor	Sapo-guarda
		Eleutherodactylus binotatus	Rã-de chão-de-mata
		Eleutherodactylus guentheri	Rã-das-matas
		Eleutherodactylus sambaqui	Rã-da-mata
		Leptodactylus cf. gracilis	Rã
		Leptodactylus bokermanni	Rã
		Leptodactylus labyrinthicus	Rã-pimenta
		Leptodactylus mystacinus	Rã-assobio
		Leptodactylus chaquensis	Rã
		Leptodactylus notoaktites	Rã-goteira
		Leptodactylus ocellatus	Rã-manteiga
		Leptodactylus podicipinus	Rã-assobio
		Leptodactylus podicipinus	Rã
		Limnomedusa macroglossa	Rã-das-pedras
		Odontophrynus americanus	Rã-boi
		Physalaemus cuvieri	Rã-cachorro
		Physalaemus gracilis	Rã-chorona
		Physalaemus olfersi	Rã
		Proceratophrys avelinoi	Rã-boi
		Scythrophrys sawayae	Rã
	Microhylidae		
		Elachistocleis ovalis	Rã-duas-cores
	Ranidae		
		Rana catesbeiana	Rã-touro-gigante
	Amphignathodontidae		

Ordem	Família	Nome Científico	Nome Comum
		Flectonotus sp.	Perereca
	Cycloramphidae		
		Proceratophrys boiei	Sapo-de-chifre, sapo-folha
	Leiuperidae		
		Physalaemus spiniger	Rã
	Hylodidae		
		Hylodes heyeri	Rã
GYMNOPHIONA			
	Caeciliidae		
		Luetkenotyphlus brasiliensis	Cobra-cega

Fonte: IAP (2009); IAP (2002); Scárdua (2004); Mgarey (2007); Conte e Machado (2005); Machado (2004); Conte e Rossa-Feres (2006).

A modificação de habitat, sem dúvida é a mais documentada por causa do constante declínio das populações de anfíbios. A perda de habitat, seguramente reduz a diversidade e a abundância de anfíbios nas áreas afetadas (ROSS; STEPHEN, 1999). Considerando a destruição quase que total da Mata Atlântica e o seu alto número de espécies endêmicas especializadas ao meio ambiente da floresta, é possível supor que destas, muitas espécies já tenham sido extintas antes mesmo de serem descritas. A Tabela 6.32 lista as espécies de anfíbios ameaçadas de extinção para o Estado do Paraná.

Tabela 6.32. Lista das espécies ameaçadas do Paraná.

Ordem	Família	Nome Comum	Nome Científico	Categoria
Anura				
	Brachycephalidae			
		Sapinho-dourado	*Brachycephalus pernix*	CR
	Leptodactylidae			
		Intanha, sapo-boi	*Ceratophrys aurita*	DD
		Desconhecidos	*Chiasmocleis leucosticta*	DD
		Desconhecidos	*Cycloramphus bolitoglossus*	DD
		Desconhecidos	*Cycloramphus duseni*	DD
		Desconhecidos	*Cycloramphus eleutherodactylus*	DD
		Desconhecidos	*Cycloramphus lutzorum*	DD
		Desconhecidos	Cycloramphus mirandaribeiroi	DD
		Desconhecidos	*Cycloramphus rhyakonastes*	DD
		Desconhecidos	*Eleutherodactylus paranaensis*	EN
		Desconhecidos	*Eleutherodactylus sambaqui*	DD
		Perereca-de-Vidro	*Hyalinobatrachium uranoscopum*	DD
		Desconhecidos	*Limnomedusa macroglossa*	CR
		Desconhecidos	*Scythrophrys sawayae*	DD
		Sapo-de-chifres	*Proceratophrys appendiculata*	DD
		Desconhecidos	*Physalaemus maculiventris*	DD
	Bufonidae			

	Desconhecidos	*Dendrophryniscus stawiarskyi*	DD
Hylidae			
	Desconhecidos	*Flectonotus ohausi*	DD
	Perereca-marsupial	*Gastrotheca microdiscus*	DD
	Perereca-zebra	*Hyla anceps*	CR
	Desconhecidos	*Hyla langei*	DD
	Perereca-verde-com-ventre-laranja	*Phasmahyla guttata*	DD
	Desconhecidos	*Phrynomedusa appendiculata*	DD
Gymnophiona			
Typhlonectidae			
	Cecília	*Chthonerpeton indistinctum*	DD
Caeciliidae			
	Cobra cega	*Luetkenotyphlus brasiliensis*	DD

LEGENDA: DD - Dados Insuficientes; EN - Em Perigo; CR - Criticamente Ameaçada.

Fonte: Mikich e Bérnils (2004).

O grupo dos anfíbios possui uma relevante importância econômica e ecológica. A grande maioria das espécies pertencentes ao grupo possuem hábitos alimentares insetívoros, atuando como controladores de pragas além de sensíveis as alterações ambientais (desmatamento, poluição), sendo consideradas bioindicadoras de qualidade ambiental. Algumas espécies, como a perereca da folhagem (*Phyllomedusa bicolor*) e o sapinho-pingo-de-ouro (*Brachycephalus aphipium*) estão sendo alvos de estudos farmacológicos e bioquímicos, devido ás substâncias produzidas em seu tecido cutâneo, para o isolamento e possível desenvolvimento de fármacos, sendo estes apenas dois exemplos de anfíbios utilizados para tal atividade (SABINO; PRADO, 2000).

O registro inicial das espécies e dos ambientes ocupados por esses indivíduos permite o acompanhamento das possíveis mudanças nas populações em resposta a esta nova realidade, fornecendo informações importantes sobre sua plasticidade e requisitos de hábitats. Um bom diagnóstico ambiental e posterior monitoramento da fauna de anfíbios são essenciais para o planejamento e efetivação de ações que visam minimizar os impactos provocados pela implantação do empreendimento (CHEREM; KAMMERS, 2008).

6.2.4.1. Objetivos

O presente estudo da herpetofauna - anfíbios na AID da PCH Taguá teve como objetivos:

- Realizar o levantamento das espécies de anfíbios no raio de 1 km (AID) da PCH Taguá localizada no Rio Jordão, entre os municípios de Candói e Guarapuava, Estado do Paraná;

- Demonstrar seus valores qualitativos, presentes nos ambientes amostrais;

- Indicar possíveis espécies criticamente ameaçadas;
- Citar e caracterizar espécies nativas e exóticas que possam vir a ocorrer no local e;
- Avaliar os possíveis impactos ambientais decorrentes da implantação do empreendimento em relação à comunidade faunística.

6.2.4.2. Materiais e métodos

A área amostral é composta por fragmentos de mata secundária dispostas por ilhas de vegetação as margens do leito do Rio Jordão entre os municípios de Candói e Guarapuava Estado do Paraná. Para o levantamento dos anfíbios na AID utilizaram-se três metodologias:

- **Levantamento bibliográfico**

O levantamento bibliográfico desenvolveu-se através de consulta à literatura científica e técnica sobre os anfíbios com ocorrência para a região da PCH Taguá. Até o presente momento os principais trabalhos desenvolvidos para os anfíbios do sul do Brasil são descritos por Braun e Braun (1980); Cherem e Kamers (2008); Guzzi (2008); IAP (2009); Lema e Martins (2011).

- **Busca ativa**

O método de busca ativa dar-se-á através da procura visual e auditiva. A busca ativa com procura visual é um método bastante versátil e generalista de detecção e coleta de vertebrados em campo (CRUMP; SCOTT Jr, 1994).

A busca ativa ocorreu no período noturno das 20h00min às 22h00min, entre os dias 28 de maio a 01 de junho de 2012, por um período de 5 (cinco) dias, totalizando 10 (dez) horas/campo. A detecção dos animais deu-se não apenas por visualização direta, mas também por evidências indiretas, tais como registros sonoros (procura auditiva) ou registros de larvas (girinos), bastante utilizadas na procura por anfíbios anuros. O Mapa EASTAGUA-19 em anexo mostra os pontos estratégicos de busca por anfíbios.

Para o levantamento no período noturno utilizaram-se lanternas de mão, para melhor exploração dos ambientes, além de lanternas de cabeça que facilitam a execução dos trabalhos.

Destaca-se que durante o período diurno, aliado ao levantamento de mamíferos e répteis ocorreram procuras aleatórias de anfíbios, sendo que em todos os locais amostrados foram examinados troncos caídos, tocas, pedras, amontoados de materiais, margens de corpos d'água, lagos (artificiais ou

naturais) e banhados, em busca de adultos (em deslocamento, vocalização ou amplexo), desovas e girinos.

- **Entrevista com a comunidade local.**

Neste método deve-se tomar muito cuidado com as espécies obtidas. Geralmente os entrevistados possuem conhecimento apenas do nome comum das espécies, não sendo o suficiente para a correta identificação das mesmas. Para a confiabilidade das informações obtidas utilizou-se guias de campo com imagens e informações ecológicas de anfíbios além de um guia sonoro para a comparação de vocalizações.

6.2.4.3. Resultados e discussões

O levantamento de anfíbios na AID e AII da PCH Taguá realizado de 28 de maio a 01 de junho de 2012 resultou na identificação de 05 espécies nativas, distribuídas em 04 famílias e 01 ordem. A Tabela 6.33 lista as espécies de anfíbios de ocorrência para a região do empreendimento em questão.

Tabela 6.33. Espécies de anfíbios registrados na AID da PCH Taguá.

Táxon			Nome Popular	Confirmação			Categoria de Ameaça	
Ordem	Família	Espécie		EN	BA	LB	PR	IUCN
ANURA								
	Bufonidae							
		Rhinella icterica	Sapo-cururu		x			LC
	Cycloramphidae							
		Odontophrynus americanus	Rã-boi		x			LC
	Hylidae							
		Dendropsophus minutus	Perereca-do-brejo		x			LC
		Hypsiboas faber	Sapo-martelo	x		x		LC
	Leiuperidae							
		Physalaemus gracilis	Rã-chorona		x			LC

Legenda: **EN**: Entrevista; **BA:** Busca ativa; **LB:** Levantamento bibliográfico, **LC**: Pouco Preocupante (IUCN Red List).

Neste trabalho, devido ao período do ano em que os estudos foram realizados – estação de Inverno, não foi possível registrar um número expressivo de espécies de anfíbios. Pelo método de busca ativa, registrou-se 04 espécies e uma espécie pelo método de entrevista, sendo que esta espécie foi confirmada por meio de Levantamento Bilbliográfico (HADDAD et al., 2003).

Tratando-se das famílias, registrou-se 02 espécies da família Hylidae, representando 45% das espécies registradas. As famílias Bufonidae, Cycloramphidae e Leiuperidae tiveram representatividade de 20% cada, com 01 espécie registrada em cada família.

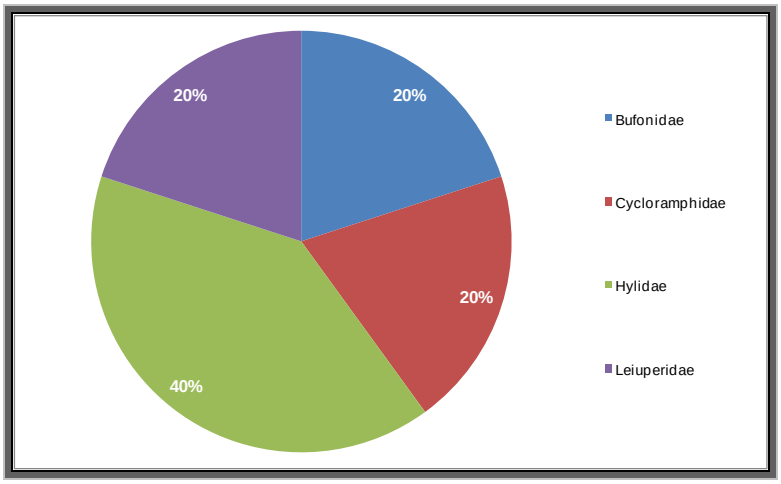


Figura 6.81. Representatividade das espécies por família.

- **Descrição das espécies registradas pelo método de busca ativa.**

Ordem: Anura

Família: Bufonidae

Sapo-cururu - *Rhinella icterica* (Spix, 1824)

Espécie amplamente distribuída na Floresta Atlântica do sudeste e sul do Brasil, e em Misiones na Argentina (KWET; DI-BERNARDO, 1999). Embora esteja se tornando escassa no município do Rio de Janeiro, é abundante em municípios próximos (CARVALHO-E-SILVA; IZECKSOHN, 2001). É um sapo de tamanho grande, o macho pode atingir de 100mm a 130mm e a fêmea de 110mm a 140mm. Assim como os filhotes as fêmeas são bege-claras com o dorso padrão regular de manchas escuras e uma estria médio-dorsal de coloração clara, os machos são cinza-amarelados. O ventre é branco, marmoreado de castanho. Possuem cristas cefálicas pronunciadas; glândulas paratóides grandes e a pele muito verrugosa (KWET; DI-BERNARDO, 1999; CARVALHO-E-SILVA; IZECKSOHN, 2001). Possui hábitos florestais, porém consegue sobreviver em áreas desmatadas e campos (CARVALHO-E-SILVA; IZECKSOHN, 2001). Na fase adulta alimentam-se de insetos, lesmas e até pequenos ratos.

O canto é composto por uma sequência de notas curtas, iguais e repetidas o que em Tupi é chamado Kururu (KWET; DI-BERNARDO, 1999). O período de desova é de agosto a janeiro. Grandes cordões gelatinosos, com milhares de ovos escuros, são depositados em partes rasas da água durante o amplexo.

É um sapo muito útil ao homem por auxiliar no controle da população de insetos, lesmas e pragas da agricultura. Os machos foram, em certa época, caçados intensamente por laboratórios, que os utilizavam para teste de diagnóstico precoce de gravidez (CARVALHO-E-SILVA; IZECKSOHN, 2001).

A espécie foi registrada para a AID através busca ativa, identificando-se pelo método auditivo, sendo confirmado por registro sonoro (HADDAD et al, 2003). O registro ocorreu no dia 29 de maio 2012, no período vespertino, próximo anoitecer.

Ordem: Anura

Família: Cycloramphidae

Rã-boi; Sapo-da-enchente - *Odontophrynus americanus* (Duméril & Bibron, 1841)

A fêmea é maior nesta espécie, medindo entre 45-53mm, enquanto que o macho mede entre 41-48mm. Muito semelhante a um sapo, com corpo reforçado, cabeça larga e focinho curto; o dorso é castanho-escuro a castanho-amarelado ou bege, com manchas escuras irregulares e linha médio-dorsal amarelada. Pele conspicuamente glandular e verrugosa. Ventre acinzentado, com grânulos esbranquiçados. Garganta preta em machos, esbranquiçadas em fêmeas. Lábio superior com padrão distinto de barras escuras e largas. Ocorre em áreas abertas do sul e sudeste do Brasil, Uruguai, norte da Argentina e sul do Paraguai e Bolívia. Possui hábito fossorial. Durante o período de acasalamento é encontrado em lagos rasos e áreas inundadas. As desovas correm na primavera e verão, de setembro a fevereiro, sempre associadas a aguaceiros. Os machos vocalizam apartir do anoitecer em águas rasas, entre a vegetação. Seu canto é um som rouco e forte, regularmente repetido. Põem de 3000-4000 ovos, pequenos e pretos, que são depositados sobre o lodo do fundo das poças. As grandes larvas são caracterizadas pela cauda manchada e pela linha clara na base da nadadeira ventral. Vivem sobre o fundo dos corpos d'água e se alimentam de matéria em suspensão. Desenvolvimento larval prolonga-se por vários meses (BORGES-MARTINS et al., 2007). A espécie foi registrada no período noturno, na estrada de acesso ao barramento da PCH Taguá, as 19horas e 15 minutos.

Ordem: Anura

Família: Hylidae

Perereca-do-brejo - *Dendropsophus minutus* (PETERS, 1872)

É uma espécie muito comumente encontrada, apresentando ampla distribuição geográfica na América do Sul, ocorrendo do norte da América do Sul até o Uruguai e Missiones na Argentina; e da costa atlântica aos territórios do leste Boliviano. Possui grande variação no padrão do desenho dorsal; pela sua excelente adaptação á ambientes alterados pela ação antrópica, e sua ocorrência o todo em algumas regiões, vem favorecendo os estudos com esta espécie. (SANTOS, 2006).

Os machos desta espécie medem entre 20-23 mm e as fêmeas 24-26 mm. Os machos têm coloração dorsal marrom a amarelo-brilhante à noite e marrom-avermelhada durante o dia. Também,

apresentam manchas dorsais grandes, de cor marrom com contorno amarelo-brilhante, em forma de ampulheta. Uma linha amarelo-creme ocorre perto do uróstilo. O ventre é branco a parte posterior e amarelo na parte anterior. As fêmeas têm dorso marrom-claro, sem manchas em forma de ampulheta, e o ventre creme a esbranquiçado. A íris é laranja-clara a escura em ambos sexos. (LIMA et al., 2006).

Arborícolas e noturnos. São encontrados principalmente em margens de floresta e clareiras. Reproduzem-se principalmente na estação chuvosa, de novembro a maio. Os machos vocalizam sobre arbustos que pendem sobre poças. As fêmeas depositam cerca de 400 ovos, que ficam aderidos a plantas emergentes em poças, como uma massa globular. As larvas eclodem e caem dentro da água para completar o desenvolvimento. Os girinos ficam dispersos na coluna d'água (LIMA et al., 2006).

A maioria possui atividade noturna e iniciam a atividade de vocalização próximo ao horário do pôr do sol, perdurando por cerca de três horas após o sol se por. Esse anuro apresenta vocalizações de alta intensidade, que facilitam a sua localização (SANTOS, 2006). A espécie foi identificada neste estudo por meio de busca ativa, identificando-se pelo método auditivo, sendo confirmado por registro sonoro (HADDAD et al, 2003). Alguns exemplares foram registrados próximo ao futuro barramento, em uma área alagável (banhado) no dia 31 de maio de 2012, ao entardecer, e sua vocalização foi gravada com auxílio de gravador digital.

Ordem: Anura

Família: Hylidae

Sapo-martelo - *Hypsiboas faber* (Wied-Neuwied, 1821)

Sapo martelo ou sapo ferreiro como é conhecido, devido ao tom de sua vocalização, possui coloração do dorso alaranjado, podendo ser encontrado também, castanho claro ou castanho escuro, frequentemente com estria médio-dorsal fina e negra, desde a ponta do focinho até o meio do tronco. Garganta negra no macho, branca na fêmea. Macho com pequeno espinho próximo a base do polegar. Esta espécie é amplamente distribuída no sudeste e sul do Brasil, Missiones na Argentina e leste do Paraguai. A *H. faber* desova nos meses de dezembro a fevereiro, basicamente encontrada em corpos d`água grandes e permanentes, em ambientes de floresta ou abertos. Após o período de reprodução, pode ser encontrada em florestas sobre árvores, onde vocalizam alto e forte, que pode se ouvir desde o entardecer até próximo à meia-noite. (KWET; DI-BERNARDO, 1999).

O macho constrói um ninho semelhante a uma cratera, com 20 centímetros de diâmetro, na margem de uma lagoa. 3.000 a 4.000 ovos pequenos, negros quando vistos de cima, são depositados como um filme na superfície do ninho. Os girinos possuem cauda preta, que contrasta com o corpo

pardacento; vivem sobre o fundo de lagos e banhados e alimentam-se de matéria em suspensão, detritos de animais e vegetais em decomposição. No verão após o nascimento, os girinos tronam-se maiores e mais escuros, e é quando passam pela metamorfose. Quando jovens, está espécie pode atingir até 35mm de comprimento. (KWET; DI-BERNARDO, 1999). A espécie foi identificada neste estudo por meio do método de entrevista com a comunidade local, que afirmou a presença desta espécie.

Ordem: Anura

Família: Leuperidae

Rã-chorona - *Physalaemus gracilis* (Boulenger, 1883).

É uma espécie relativamente pequena, medindo de 2,7 a 3,2cm e focinho pontudo; A coloração é bastante variável, encontra-se desde castanho avermelhado à cinza claro, podendo apresentar manchas vermelho-alaranjdas nos flancos. Geralmente as espécies deste gênero apresentam uma faixa preta que vai da ponta do focinho até quase a base das coxas. Possui uma mancha arredondada na região inguinal (base da coxa). Nos machos a região do “papo” é mais escura devido a presença do saco vocal. A distribuição desta espécies é registrada no Uruguai, Argentina e Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo) (LANGONE, 1994). É comum encontrar ninhos de espuma sobre a lâmina d’água, onde são depositados os ovos, nos mese de setembro a março, que trata-se do período de acasalamento (ACHAVAL; OLMOS, 2003). A alimentação é basicamente colembolos, ácaros e formigas (DA ROSA et al., 2002). A vocalização dos machos lembra o choro de uma criança e é muito similar a de *Physalaemus biligonigerus* (BORGES-MARTINS et al., 2007). Esta espécie foi registrada na área de influência direta do empreendimento, próximo ao futuro barramento, no dia 31 de maio de 2012, ao anoitecer.

6.2.4.4. Considerações finais

A modificação de habitat, sem dúvida é a mais documentada causa do constante declínio das populações de anfíbios. Segundo Ross e Stephen (1999) a perda de habitat seguramente reduz a diversidade e a abundância de anfíbios nas áreas afetadas.

Para a instalação de hidrelétricas faz-se necessário, a supressão da vegetação, o que reduz o habitat de espécies da fauna de anfíbios. No estudo da PCH Taguá, foi observado que as áreas de influência do empreendimento encontram-se desprovidas de boa parte da vegetação marginal, circundadas por áreas agrícolas, havendo a necessidade da recomposição da vegetação ciliiar.

Desta forma, a realização de um trabalho de longo prazo, visando o monitoramento da anurofauna, é peça fundamental para identificar de que forma as populações se comportam frente à futura condição ambiental a ser implantada.

Considerando o exposto acima, sugere-se a implementação de um levantamento qualitativo de longo prazo, aliado a um monitoramento da anurofauna, para um melhor delineamento ecológico da Bacia.

Tiago Lazzaretti Biólogo – CRBio 07 - 75744/RS CPF: 003.870.250-90 Xanxerê, Janeiro de 2013.	Elis Regina Rodighero Bióloga – CRBio nº 75734-03D CPF: 068.569.199-30 Xanxerê, Janeiro de 2013.